

As paixões no discurso educacional de Cecília Meireles

*Aline Vieira de Souza-Barbieri**

Resumo: Este trabalho analisa uma série de crônicas publicadas por Cecília Meireles no jornal *Diário de Notícias*, sediado no Rio de Janeiro, entre 1930 e 1933, nas quais são abordados assuntos educacionais e temas relativos à situação social e política do País. A análise busca identificar, no discurso da autora, o uso de paixões como estratégia argumentativa, tomando por base as concepções elaboradas por Aristóteles na *Retórica*. A palavra *paixão* deriva do latim *passio*, que descende do grego *pathos*, cujo significado traduz a ideia de “perturbação da alma”, uma impulsividade que deve ser moderada e dominada. Por escrever em momento de forte tensão política e de instabilidade na área da educação, Meireles utiliza as paixões para defender as inovações educacionais propostas pelo movimento Escola Nova e também para hostilizar os responsáveis por iniciativas que as contrariam.

Palavras-chave: Educação Brasileira (História). Escola nova. Cecília Meireles. Retórica.

Passions in the educational discourse of Cecilia Meireles

Abstract: This research analyzes a series of chronicles published by Cecilia Meireles in the newspaper *Diário de Notícias*, based in Rio de Janeiro, between 1930 and 1933, in which are discussed educational issues and themes related to social situation and the country’s politics. The analysis seeks to identify, in the author’s discourse, the use of passions as argumentative strategy, based on the concepts developed by Aristotle in *Rhetoric*. The word *passion* comes from the Latin *passio*, which descends from the Greek *pathos*, whose meaning translates the idea of “disturbance of the soul”, an impulsivity that should be tempered and dominated. By

* Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Educação Básica do Curso de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Atualmente, é Diretora de Escola da Educação Básica (Educação Infantil) da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. *E-mail:* aline_sz@yahoo.com.br

writing at a time of strong political tension and instability in education, Meireles uses passions to defend the educational innovations proposed by the New School movement and also to antagonize those responsible for contrary initiatives.

Keywords: Brazilian Education (History). New school. Cecília Meireles. Rhetoric.

Las pasiones en el discurso educacional de Cecilia Meireles

Resumen: Este trabajo analiza una serie de crónicas publicadas entre 1930 y 1933, por Cecília Meireles en el periódico *Diário de Notícias*, con sede en Rio de Janeiro, las cuales tratan de asuntos educacionales y temas relativos a la situación social y política del país. El análisis busca identificar, en el discurso de la autora, el uso de pasiones como estrategia de argumentación, basándose en las concepciones elaboradas por Aristóteles en *Retórica*. La palabra *pação* deriva del latín *passio*, que descende del griego *pathos* cuyo significado traduce la idea de “perturbación del alma”, una impulsividad que necesita ser moderada y dominada. Porque escribe en momento de fuerte tensión política e inestabilidad en el área de la educación, Meireles utiliza las pasiones para defender las innovaciones educacionales propuestas por el movimiento Escuela Nueva y también para que los responsables por iniciativas que las contrarían sean hostilizados.

Palabras clave: Educación Brasileña (Historia). Escuela nueva. Cecília Meireles. Retórica.

Introdução

Entre os anos de 1930 e 1933, Cecília Meireles publicou no jornal *Diário de Notícias*, sediado na cidade do Rio de Janeiro, cerca de 750 crônicas abordando assuntos educacionais e tecendo comentários sobre o contexto social que envolvia a educação e, de modo geral, a vida do País. Esse material foi recentemente editado em coletânea de quatro volumes sob a responsabilidade de Leodegário Amarante de Azevedo Filho (MEIRELES, 2001a; 2001b; 2001c; 2001d). No presente trabalho, analisaremos 40 daqueles textos, selecionados por critérios de relevância

e articulação temática, privilegiando assuntos concernentes ao movimento educacional renovador e aos personagens da cena política da época.

Esta investigação buscará apreender, no discurso da autora, o uso de paixões como estratégia argumentativa, tomando por base as concepções feitas por Aristóteles na *Retórica*¹. A palavra *paixão* deriva do latim *passio*, que, por sua vez, descende do grego *pathos*, cujo significado traduz uma “perturbação da alma”, algo “ligado ao corpo ou à parte da alma mais próxima da animalidade”, uma impulsividade que deve ser “moderada” e, mesmo, “dominada” (REALE, 2001, p. 195).

Textos como os que serão examinados neste trabalho trazem, muitas vezes, certo componente de imoderação, pois a sua elaboração e consequente publicação ocorre no calor de disputas, visando interferir nas disposições intelectuais e emocionais dos leitores acerca de um tema palpitante. Nas crônicas de Cecília Meireles, esse tema é a renovação educacional, assunto que atraía inúmeros defensores e, também, muitos detratores.

Para examinar o discurso da autora, tomaremos como parâmetro as paixões caracterizadas por Aristóteles na *Retórica*, as quais organizaremos em duas categorias: aquelas que podem mobilizar sentimentos de afirmação, concordância, espírito construtivo, tendo por objetivo levar o leitor a ter fé nos fatos narrados; e aquelas que expressam recusa, nocividade, contrariedade, podendo constituir disposições de afastamento perante as ocorrências mencionadas. A primeira categoria, a que denominaremos *positivas*, é formada pelas paixões confiança, emulação, tranquilidade, benevolência, amor, compaixão e pudor. A segunda, que qualificaremos como *negativas*, é constituída por temor, desprezo, cólera, inveja, ódio, indignação e despudor.

¹ As transcrições da *Retórica* foram feitas com base em Aristóteles (2011). As citações do texto serão identificadas por meio do sistema padrão elaborado por Bekker para as obras de Aristóteles: cada tratado é dividido em Livros, indicados por uma letra grega maiúscula ou um número romano; o número arábico que vem a seguir representa a página da edição padrão; a letra e o número arábico que vêm depois correspondem, respectivamente, à coluna e à linha, na referida edição.

Como será possível notar, Cecília Meireles utilizava as paixões positivas para tratar das concepções, metodologias e materiais de ensino sugeridos pelos educadores que se identificavam com o movimento genericamente denominado Escola Nova. A autora argumentava enfaticamente em prol da participação das artes na educação escolar, mostrando-se adepta das iniciativas de escolanovistas como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, e valorizando as intenções socializadoras das novas pedagogias. As paixões negativas, por sua vez, eram reservadas às iniciativas consideradas contrárias ao espírito renovador, como foram as medidas tomadas por Francisco Campos no Ministério da Educação.

Os atributos da oradora

Aristóteles define a retórica como a arte (*techné*) dedicada a persuadir, o que se alcança pela observação das particularidades de cada caso em que essa técnica de argumentação é requerida. De modo geral, a persuasão depende de três componentes: as disposições (*pathos*) dos ouvintes que constituem o alvo da persuasão; a boa articulação do discurso (*logos*) com o qual se pretende influenciar a audiência, e também o caráter (*ethos*) do orador, o que diz respeito aos qualificativos de quem apresenta uma tese para obter o aval de outrem (*Retórica* I, 1356a1).

A persuasão é obtida pelo caráter pessoal do orador quando o discurso dá a impressão de que aquele que o profere é digno de fé. Aristóteles afirma que tal confiança deve resultar essencialmente do discurso, e não de qualquer opinião prévia sobre quem o pronuncia; mas admite que, embora a probidade do que é falado seja relevante, é quase impossível não notar que o caráter do orador é o principal meio de persuasão (*Retórica*, I, 1356a5).

Aristóteles elaborou suas reflexões considerando o ambiente social da Grécia Clássica, no qual a arte de persuadir era praticada por meio de discursos orais, normalmente nas assembleias, em que eram debatidos os destinos da polis; nos tribunais, onde se deliberava acerca de supostas

transgressões às leis, e em cerimônias comemorativas ou fúnebres, quando se fazia menção aos valores cívicos a serem incorporados pelos cidadãos.

O Grupo de Pesquisa *Retórica e Argumentação na Pedagogia* (USP/CNPq), ao qual este trabalho é vinculado, segue as diretrizes filosóficas de Perelman, expressas principalmente no *Tratado da argumentação* (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Nessa linha de trabalho, cujo fundamento são as obras de Aristóteles, são investigados não pronunciamentos orais, mas discursos escritos, particularmente textos que são tornados públicos com o intuito de exercer influência sobre os educadores.

Na perspectiva teórica e metodológica adotada por esse Grupo, textos que discorrem sobre temas da área de educação podem ser examinados por meio da análise retórica, justamente por conterem a intenção de persuadir determinada audiência – professores, gestores de instituições educacionais, alunos que se formam para o magistério, e outros. Seus autores são classificados como oradores, a exemplo do que ocorria no contexto vivido por Aristóteles; por ocuparem espaço relevante na persuasão, seus atributos pessoais devem ser analisados, juntamente com os argumentos que defendem. Vejamos, portanto, quem foi Cecília Meireles e o que a tornava uma oradora apta a discorrer sobre educação naquele momento, no Brasil.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles era filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil falecido três meses antes de seu nascimento, ocorrido no Rio de Janeiro em 1901. Sua mãe, Jacinta Garcia Benevides, que era professora, faleceu quando ela tinha três anos de idade. Desde então, Cecília passou a morar com a avó materna, sendo cuidada por uma babá que era uma “hábil contadora de histórias” (PIMENTA, 2001, p. 15).

Em 1910, Cecília concluiu o curso primário na Escola Estácio de Sá e recebeu de Olavo Bilac, então Inspetor Escolar do Distrito, uma medalha de distinção e louvor (OLIVEIRA, 2001, p. 321). Diplomou-se no Curso Normal em 1917, passando em seguida a lecionar no ensino primário de sua cidade natal. Iniciou a carreira de escritora em 1919

com a obra *Espectros*, publicando, a partir dali, mais de duas dezenas de livros de poemas².

Em 1922, Cecília casou-se com Fernando Correia Dias, pintor português radicado no Brasil. Nos anos de 1920, sua atuação esteve fortemente ligada ao magistério, desenvolvendo “atuação crítica em relação ao sistema público de ensino dominante”, razão pela qual abandonou a carreira de professora. Reassumiu a profissão em 1927, quando teve início a reforma do ensino realizada por Fernando de Azevedo, então diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (CORRÊA, 2001, p. 17).

Essa reforma fez parte de uma série de medidas semelhantes adotadas independentemente em vários estados da federação, cujos governantes tinham interesse em modificar seus respectivos sistemas de ensino, uma vez que não havia uma legislação que regulamentasse o assunto em âmbito nacional. A primeira delas ocorreu em São Paulo em 1920, ficando conhecida como reforma Sampaio Dória; a ela se seguiram, dentre outras, as reformas comandadas por Lourenço Filho no Ceará, em 1922, por Anísio Teixeira na Bahia, em 1925, e por Francisco Campos em Minas Gerais, em 1925 (NAGLE, 1974, p. 192-196).

Segundo Nagle (1974, p. 190-191), o principal efeito produzido por essas reformas, com especial destaque para a que foi instituída por Fernando de Azevedo no Distrito Federal, foi a busca de remodelação das finalidades da educação escolar mediante a introdução de um “novo modelo” para a estruturação das escolas e a orientação das práticas pedagógicas, o que se convencionou identificar como evidência da introdução da Escola Nova no país (NAGLE, 1974, p. 190-191).

Em 1929, Cecília Meireles candidatou-se à cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal, concorrendo com um trabalho

² Dentre seus livros de poemas, estão: *Poema dos poemas* (1923); *Baladas para El-Rei* (1925); *Viagem* (1939); *Vaga música* (1942); *Mar absoluto e outros poemas* (1945); *Retrato natural* (1949); *Romanceiro da Inconfidência* (1953); *Canções* (1956); *Metal rosicler* (1960); *Solombra* (1963); e *Ou isto ou aquilo* (1954).

“francamente liberal” que discorria sobre “a liberdade individual na sociedade”. Cecília defendeu que cabia à nova escola recuperar no ser humano qualidades como coragem e independência e criar “um conhecimento sobre o indivíduo” (LAMEGO, 1996, p. 55). Sua tese foi reprovada porque a banca – composta, entre outros, por Alceu Amoroso Lima, Coelho Neto e João Ribeiro – “favoreceu o grupo dos, reconhecidamente, católicos”, do qual Meireles não participava (OLIVEIRA, 2001, p. 322).

O ano de 1930 foi marcado por um evento político de grande significado para a história do Brasil, o golpe de estado que levou Getúlio Vargas ao poder, instituindo um governo provisório com a promessa de remodelar as instituições nacionais. Logo em 1931, Vargas criou o ministério da Educação e Saúde Pública, nomeando para essa pasta Francisco Campos, jurista que havia conduzido a reforma do ensino em Minas Gerais em 1925. Uma de suas primeiras medidas foi a edição de um decreto que favorecia a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal. Campos foi um explícito apoiador das causas da Igreja Católica no campo da educação (CURY, 1984, p. 17); em 1932, o ministério foi assumido por Washington Pires, mas a pasta continuou desempenhando a função de “órgão saneador e purificador do corpo e do espírito dos brasileiros” (CURY, 1984, p. 107).

No mesmo ano do golpe de estado deferido por Vargas, Cecília Meireles iniciou sua carreira na imprensa, dirigindo a Página de Educação no jornal *Diário de Notícias*, na qual passou a escrever diariamente a coluna Comentário, considerada por Lamego (1996, p. 31) a “grande porta-voz da chamada Escola Nova”. Em carta de 8 de abril de 1931, Meireles (*apud* LAMEGO, 1996, p. 58) confidenciou ao amigo Fernando de Azevedo os motivos que a levaram à atividade jornalística, dizendo: o “vivo sentimento da minha ineficiência em qualquer escola (...) levou-me à ação jornalística, talvez mais vantajosa, de mais repercussão – porque é uma esperança obstinada esta, que se tem de que o público leia e compreenda”.

O novo ideário educacional anunciado pelas reformas da década de 1920 consubstanciou-se, de fato, em 1932, com a publicação do documento intitulado “A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo”, que ficou conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (PAGNI, 2000; XAVIER, 2004). O Manifesto continha o ponto de vista de uma única parcela dos envolvidos no debate sobre os rumos da educação naquele momento crucial da história do País: o ponto de vista dos liberais, que souberam elaborar com extrema habilidade um poderoso arsenal argumentativo a ser usado no combate a seus oponentes, dentre os quais se destacavam os intelectuais católicos (CUNHA, 2008).

Dentre os signatários do Manifesto estava Cecília Meireles, que publicou o texto na Página de Educação no dia 19 de março de 1932, com o título “Manifesto da nova educação ao governo e ao povo”. Essas iniciativas a colocaram na linha de frente do aguerrido combate entre liberais e católicos, assumindo as concepções educacionais dos primeiros e conquistando adversários entre os últimos, os quais passaram a promover intensa e aberta campanha contra os princípios sintetizados no histórico documento (CURY, 1984; CUNHA; COSTA, 2002; CUNHA; COSTA, 2006).

Em 1934, Cecília atuou como diretora da Biblioteca Infantil instalada no antigo Pavilhão Mourisco, primeira iniciativa dessa natureza voltada para crianças (LÔBO, 1996, p. 528)³. Meireles dirigia pessoalmente a seção artística da Biblioteca, realizando diversas atividades educativas, como “dramatizações, hora do conto, conferências e exposições, para as quais eram convidados artistas e educadores” (PIMENTA, 2001, p. 105).

Em 1935, seu marido suicidou-se, aos 42 anos, após uma “crise de

³ O edifício chamado Pavilhão Mourisco foi inaugurado em 1906 para “completar as obras de embelezamento da cidade”; situado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, abrigou um “café-concerto”, tornando-se um “bar-restaurant muito frequentado pela sociedade carioca” (PIMENTA, 2001, p. 96).

neurastenia”, conforme publicaram os jornais da época⁴. Com três filhas pequenas, Cecília enfrentou dificuldades financeiras. Durante o ano de 1936, publicou crônicas semanais no *Correio Paulista* (OLIVEIRA, 2001, p. 323). Em 1937, logo no início do Estado Novo, quando já se encontrava trabalhando como professora de literatura da Universidade do Distrito Federal, ela viu a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco ser desativada por causa de “infundados motivos políticos”: as autoridades declararam haver no acervo da biblioteca “um livro de conotações comunistas, cujas ideias eram perniciosas ao público infantil” (LÔBO, 1996, p. 537).

Mesmo durante a vigência daquele regime ditatorial, Meireles continuou atuando na imprensa, respondendo pela coluna Professores e Estudantes no jornal *A Manhã*, entre 1941 e 1943, na qual publicou vasto estudo sobre folclore infantil (CORRÊA, 2001, p. 51). Em 1945, recebeu de Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, a sugestão de escrever sobre a Inconfidência Mineira, razão pela qual deu início a pesquisas sobre o século XVIII (OLIVEIRA, 2001, p. 325).

Sempre ligada à educação, Cecília foi signatária do documento “Mais uma vez convocados”, elaborado em 1959 por Fernando de Azevedo em defesa do ensino público (CORRÊA, 2001, p. 51). Em setembro de 1964, a Academia Brasileira de Letras atribuiu a ela o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra literária. A premiação foi realizada *post-mortem*, em 1965, pois Cecília Meireles havia falecido em novembro do ano anterior (OLIVEIRA, 2001, p. 331).

A retórica e as paixões

Durante séculos, Aristóteles foi considerado responsável por sistematizar a verdadeira forma de racionalidade – o raciocínio demonstrativo,

⁴ Em 1940, Cecília uniu-se em segundas núpcias com o engenheiro agrônomo Heitor Vinícius da Silveira Grillo, fundador da Universidade Rural (OLIVEIRA, 2002, p. 324).

dedutivo ou silogístico, composto pelas noções de causa e necessidade. Em sua concepção filosófica, é científico somente o que se pode deduzir a partir de princípios universalmente aceitos, ficando em plano secundário o processo pelos quais são elaborados (BERTI, 1998).

O movimento contemporâneo de revisão da filosofia aristotélica, iniciado na primeira metade do século XX, exprime profunda divergência ante a tradição interpretativa tradicional, que descende da Escolástica (BERTI, 1997). Em linhas gerais, os adeptos desse movimento defendem que as reflexões de Aristóteles contêm uma vigorosa opção pela “multiplicidade” e pela “autonomia das diversas ciências” (BERTI, 1998, p. 9), o que o torna responsável não somente pela elaboração de uma ciência do verdadeiro e do necessário, mas também pela formulação de uma arte dedicada a compreender o processo que conduz ao estabelecimento dos princípios. Trata-se da dialética, que consiste em investigar, de maneira compartilhada, em busca daquilo que define o que uma coisa é (BERTI, 1998, p. 15).

A *Retórica* possui especial relevância no movimento revisionista de Aristóteles. Logo no início do tratado, o filósofo explica que a arte retórica é a “contraparte da dialética”, pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum, não correspondendo a nenhuma ciência em particular (*Retórica*, I, 1354a1). Todas as pessoas participam, de alguma maneira, tanto de uma quanto de outra, pois todos se envolvem, em algum momento da vida, na tentativa de questionar e sustentar um argumento, seja para se defender, seja para acusar. A dialética e a retórica diferem, no entanto, porque, enquanto a primeira é praticada na forma de uma interlocução, a segunda consiste em um discurso “longo” dirigido a um “auditório silencioso” (BERTI, 1997, p. 287).

Reboul (2004, p. 23-24) explica que uma das inovações de Aristóteles consiste em apresentar a retórica como um “bem” que, a exemplo dos demais bens, como a força, a saúde e a riqueza, está sujeito à corrupção, podendo ser utilizado de maneira desonesta para fins menos dignos. Mas nem por isso a retórica deixa de ser um bem, pois se trata de uma arte cujo único objetivo é encontrar “os meios de persuasão que cada caso

comporta”, assim contribuindo para habilitar o seu praticante a coordenar as várias possibilidades de sucesso para a causa que defende.

As paixões ocupam significativo espaço na *Retórica* de Aristóteles devido à sua relevância para o sucesso da argumentação. É nas paixões que se encontra aquilo que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 6), constitui o objetivo geral da retórica: obter a “adesão dos espíritos”, a persuasão. É assim porque as disposições emocionais influenciam o modo como os ouvintes – ou leitores – julgam os fatos e as ideias que lhes são apresentados. Segundo Aristóteles, as paixões são as “causas das mudanças nos nossos julgamentos” (*Retórica*, II, 1378a20).

Meyer (2003, p. XXXVIII) explica que quem pretende argumentar de modo persuasivo deve “encontrar uma identidade onde, de início, havia apenas antagonismo, diferença e contestação”; quem conhece as paixões pode “classificar os homens” e, assim, encontrar a melhor maneira de conduzi-los à opinião que considera correta. As paixões, portanto, são como um “teclado no qual o bom orador toca para convencer” (MEYER, 2003, p. XLI).

As paixões da oradora

Uma das paixões analisadas por Aristóteles na *Retórica* (II, 1383a15) é a “confiança”, definida pelo filósofo como o “oposto do medo”; o que “inspira a confiança é o contrário daquilo que gera o medo”. Sendo assim, a confiança faz-se acompanhar pela “representação de que as coisas que podem nos proporcionar segurança estão próximas” e que as coisas “temíveis” encontram-se “ausentes ou distantes”.

Em sua coluna Comentário, Cecília Meireles aborda assuntos relativos às práticas que vinham sendo adotadas nas escolas sob a égide do ideário renovador, chegando inclusive a propor algumas inovações nessa área. O clima em torno dessas iniciativas educacionais, no entanto, era conturbado, não faltando quem discordasse das propostas modernizantes dos escolanovistas. Devido a isso, é possível que o público leitor do jornal

em que Meireles publicava suas crônicas, especialmente pais e mães que tinham filhos em escolas, estivesse temeroso ante as novidades que se apresentavam, razão pela qual é bastante compreensível que a oradora Cecília procurasse angariar a confiança desse auditório.

Em uma de suas crônicas, Meireles (2001a, p. 147) sugere que os concursos de beleza, muito em voga na época, fossem aproveitados na atividade de sala de aula. Possivelmente por ser essa uma medida tão pouco usual, a autora procura levar seus leitores a confiar na proposta, mostrando que por meio de tais eventos seria possível ensinar importantes conteúdos escolares às crianças. Sendo uma atividade estranha ao ambiente das instituições de ensino, era preciso afastar o temor dos leitores, e por isso Cecília diz que tais concursos poderiam despertar “intenso interesse” não apenas no “círculo de adultos que se consideram entendidos no assunto”, mas também nas crianças. O fundamento de seu discurso encontra-se na suposição de que aquilo que é interessante para os alunos pode e deve ser utilizado em sala de aula, mesmo não sendo normalmente considerado instrutivo para os pequenos.

A autora esperava que os leitores confiassem nas atividades pedagógicas que empregavam técnicas e materiais pouco comuns, como jornais e revistas: “Não se deve impedir que, numa classe, a criança abra as revistas ilustradas para comentar as fotografias das belas jovens em concurso” (MEIRELES, 2001a, p. 147-148). Isso não é prejudicial ao aprendizado, afirma a oradora, uma vez que o professor saberá “conduzir o interesse da criança desse terreno superficial para outros mais longínquos, mais fecundos, mais favoráveis à sua formação interior”, transformando um simples certame de beleza em uma “bela ocasião para ensinar geografia, história e tantas outras coisas”, como “solidariedade” e “patriotismo” (MEIRELES, 2001a, p. 147-148).

Ao atribuir tal sabedoria e competência ao professor, Cecília posicionava os profissionais da educação no centro do processo pedagógico, como pessoas em quem se podia confiar. Também deviam merecer confiança o cinema e a música como recursos educativos na escola. Meireles

(2001d, p. 3) diz que não se deve temer o primeiro, pois se trata de uma tecnologia já suficientemente experimentada por todo “professor moderno”, como “todo o mundo o sabe”; ao apresentar “projeções interessantes, seguindo a prática já vastamente indicada pela pedagogia”, consegue-se efetivamente obter dos alunos “um rendimento maior e mais seguro”. Quanto ao segundo meio, Cecília elogia a iniciativa da Associação Brasileira de Música, que vinha promovendo “a educação musical do nosso povo” por meio de audições “nas praças públicas e nas escolas”, medida aprovada por “nomes dos mais respeitados nos nossos centros musicais”.

Segundo Cecília, a educação moderna, para ser uma “realidade viva”, requer o “entendimento de professores e pais”, que devem agir para que a “obra da escola e do lar se unifique numa comum intenção”, o que, por sua vez, necessita da confiança de todos os envolvidos no processo (MEIRELES, 2001a, p. 113). Para firmar seu argumento, utiliza uma ilustração, narrando o caso de uma escola de Montevidéu em que vigorava a “indispensável aproximação” entre pais e educadores.

A referida instituição de ensino, denominada *Escola de Las Piedras*, possuía uma pequena revista chamada *Nuestros Hijos*, que era distribuída gratuitamente pelos pais dos alunos, sendo vendida somente a professores e instituições escolares. Essa publicação permitia que todos visualizassem o “movimento da escola”, as valiosas iniciativas das autoridades e também certos problemas, cumprindo assim a função de esclareceras famílias e colocar “ao seu alcance o que lhes é necessário saber para uma eficiente cooperação na tarefa, que os professores lhes facilitam, de educar seus filhos”. Para dar à revista “significação ainda mais profunda”, em consonância com o “moderno conceito pedagógico”, o diretor da escola pretendia elaborar, em parceria com as crianças, um suplemento destinado aos alunos, o que viria alcançar um “alto valor educacional” (MEIRELES, 2001a, p. 114).

Ao mencionar o caso da escola estrangeira, Cecília busca suscitar em sua audiência a paixão denominada “emulação”, sentimento que, segundo Aristóteles (*Retórica*, II, 1388a30), diz respeito ao desejo de se igualar

ou superar a outrem; são “inclinados à emulação os que se julgam dignos de bens que não possuem”, quando é “possível adquiri-los”. O que está em causa na emulação não é o fato de certos bens pertencerem a outra pessoa, como ocorre na inveja, mas a constatação de não pertencerem a nós, gerando assim a atitude de “competição”, o que é “digno e próprio de pessoas dignas”. No caso da escola de Montevideu, nota-se o uso da emulação quando Meireles afirma pretender que aquela instituição de ensino servisse de “exemplo a outras”, não só no Rio de Janeiro como em todo o Brasil, sugerindo que poderíamos obter o mesmo resultado obtido no Uruguai.

Para Cecília Meireles (2001a, p. 107), o ambiente escolar deveria ser permeado pelo acolhimento aos pais, para que a família se sentisse à vontade para indagar sobre o que lhe parecesse “mais obscuro”, e também para que o professor pudesse trabalhar as problemáticas particulares de seus alunos. Assim, as crianças seriam as mais beneficiadas, pois, sendo “compreendidas pelos pais as transformações da escola nova”, tornaria-se efetiva a “insubstituível influência da família”, dentro de um clima de carinho em que todos os participantes do processo educacional se tornam próximos, “sentindo e respeitando as suas íntimas finalidades”.

Essas palavras de Cecília expressam o sentimento que Aristóteles (*Retórica*, II, 1380a5-b5) denomina “tranquilidade”, paixão que produz a inibição e o apaziguamento da cólera. Tranquilidade significa calma, serenidade, inexistência de conflitos. Quando as pessoas se encontram em “estado de ânimo contrário ao da cólera”, é evidente que elas são tranquilas, como acontece, por exemplo, “no jogo, no riso, na festa, num dia feliz, num momento de sucesso, na realização dos desejos e, em geral, na ausência da dor, no prazer inofensivo e na esperança justa”.

A importância atribuída à educação leva a oradora a incentivar um auditório específico a oferecer contribuições às crianças. Meireles (2001d, p. 45) espera que “os nossos grandes poetas, os nossos grandes escritores, os nossos grandes músicos, pintores e artistas em geral” sintam o “desejo de servir à infância brasileira, não tão feliz ainda quanto

a de outros países, em que os maiores nomes da filosofia, e da ciência e das artes desde já se acham completamente a seu serviço!”. Os artistas deveriam assumir a mesma conduta do educador, que possui um “coração de herói”, colocando “acima de todos os íntimos desesperos” o “desejo de triunfo”, para servir às crianças, que são “inocentes dos erros e das amarguras dos que hoje trabalham por elas” (MEIRELES, 2001d, p. 112).

A paixão despertada com essas palavras é a “benevolência”, descrita por Aristóteles (*Retórica*, II, 1385b1) como o “serviço” que se “concede ao que tem necessidade, não em troca de alguma coisa, nem com o fim de obter alguma vantagem pessoal, mas no interesse do favorecido”. É benevolente quem favorece outra pessoa, quem adota atitude de proteção frente ao necessitado. A benevolência é “grande, se prestada a alguém muito necessitado”, ou quando se trata de “grandes e difíceis serviços”, ou se o “benfeitor é o único ou o primeiro a fazê-lo, ou aquele que por excelência o faz”.

Cecília Meireles, também busca mobilizar em sua audiência “pudor”, paixão caracterizada por Aristóteles (*Retórica*, II, 1383b15) como “certa tristeza ou perturbação com respeito aos vícios presentes, passados ou futuros, que parecem levar à desonra”. O pudor, ou vergonha, instaura-se “diante daquelas faltas que parecem vergonhosas, seja para nós mesmos, seja para aqueles com quem nos preocupamos”. As pessoas sentem pudor quando sofrem, sofreram ou vão sofrer atos que acarretam desonra e censuras, como também quando se envolvem em situações que colocam o corpo a serviço de outrem ou que produzem sujeição a atos vergonhosos, como o ultraje.

Preocupada com a infância, Cecília Meireles (2001a, p. 217) diz que “todos nós, homens e mulheres, somos um pouco culpados por essa mortalidade alarmante” que atinge a população infantil, ainda quando esse fenômeno não alcance diretamente nossos próprios filhos. De alguma maneira, seja com uma palavra, um ato, um conselho ou um exemplo, todos podemos interferir no que ocorre em torno de nós, mas não o fazemos “por amor à comodidade, desinteresse ou ceticismo”. Com

essas palavras de Cecília, o leitor, sentindo vergonha por sua omissão diante de fatos tão cruéis, poderia então motivar-se a agir para mudar a realidade – o que caracteriza o caráter positivo do pudor.

Outra paixão positiva suscitada por Cecília Meireles é o “amor”, sentimento que Aristóteles (*Retórica*, II, 1381a1) qualifica como desejo de “querer para alguém o que se julga bom”, como ocorre na relação que se estabelece entre pessoas amigas, pois “amigo é o que ama e é, por sua vez, amado”. Sentir amor é ter cuidado com aquele a quem se ama, é sentir profunda afeição, carinho. Um dos mais destacados objetos de amor que aparece nos textos de Cecília Meireles (2001a, p. 218) são as crianças; é necessário que cada pessoa ofereça, diz a autora, “um pouco de si para essa grande obra comum que será a salvação da infância brasileira, tão gravemente comprometida, até aqui”.

Esse sentimento vem associado à “compaixão”, caracterizada por Aristóteles (*Retórica*, II, 1385b15) como o “pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso, e atinge quem não o merece”; sente compaixão aquele que acredita que esse mal pode atingir a si mesmo ou a outrem. A compaixão é o sentimento de pena, de dor pelo sofrimento alheio, como o que é manifestado por Cecília Meireles (2001a, p. 217) diante das muitas crianças que morriam: “Cada vez que se perde uma dessas pequeninas criaturas, por miséria, por ignorância, por negligência, por abandono, deve-se refletir que não é apenas um certo filhinho que uma certa mãe perde”; é a humanidade inteira que perde; é a própria vida que é anulada por “nossa incúria”; é o próprio “ritmo universal que desfalece” com a eliminação de uma energia que ele próprio tinha trazido “à superfície da criação”.

Embora ocupada em despertar o sentimento de confiança em seu auditório, conforme já vimos, a oradora Cecília Meireles também lança mão da paixão oposta, o “medo”, descrita por Aristóteles (*Retórica*, II, 1382b1) como “certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente, ou danoso ou penoso”. Ter medo é o mesmo que sentir receio ante um perigo que pode sobrevir no futuro; são temíveis

todas as coisas que pareçam possuir “grande capacidade de arruinar, ou de causar danos que levam a grande desgosto”. Por isso, até mesmo os “indícios de tais coisas são temíveis, porque o temível parece estar próximo”, e nisso “reside o perigo, a aproximação do temível”.

Um dos temas em que tal sentimento se faz notar no discurso de Cecília Meireles (2001a, p. 121) é o das relações entre a escola e a família. Os pais, ao se aproximarem dos assuntos escolares, por maior que seja a sua “boa vontade”, não devem “acreditar que entendem também de pedagogia, porque isso geralmente vem prejudicar de maneira grave e irremediável quer o trabalho do professor quer a própria situação do aluno”.

A interferência dos pais inspira temor porque, segundo Meireles (2001a, p. 123), fora da escola as crianças ficam expostas “às mais contrárias, incompreensíveis, prejudiciais e inconscientes influências”, o que pode ser decorrente da “desordem do lar”, das “infelicidades domésticas” que, por sua vez, advêm, muitas vezes, da “ausência de cultura, de higiene e de moralidade” no ambiente em que vivem. Por isso, a aproximação entre as famílias e a escola, dependendo da maneira como acontece, pode ocasionar sérios danos ao trabalho dos mestres, assim comprometendo o futuro das crianças.

Um dos alvos do medo despertado por Cecília Meireles (2001b, p. 161) é Francisco Campos, cuja nomeação para o cargo de ministro da Educação e Saúde, em 1931, é comentada com a seguinte indagação: “como agirá o autor da precária reforma de ensino mineira, à frente de um ministério de tamanha responsabilidade? Que pedagogo, afinal, seria o Sr. Francisco Campos?”. Embora formuladas de modo interrogativo, as frases de Cecília sugerem que a ação reformista desenvolvida por Campos em Minas Gerais na década anterior teria deixado a desejar, e, sendo assim, os leitores teriam justificados motivos para temer a sua atuação como pedagogo e, mais ainda, como responsável pelo futuro da educação no Brasil.

A oradora também utiliza a paixão que Aristóteles (*Retórica*, II, 1385a10-15) denomina “despudor”, definida como ausência de pudor ou

vergonha. São despuadorados aqueles que agem com desdém e indiferença perante defeitos ou vícios que evidentemente possuem. Na argumentação de Cecília, essa paixão vem associada ao temor, pois devemos ter receio daqueles que agem despuadoradamente, como são as pessoas que dirigem a educação no Brasil, segundo o julgamento da oradora.

Meireles (2001b, p. 167) caracteriza tais pessoas como dominadas pelo despuador porque as suas atitudes parecem “ignorar completa e profundamente” não só o valor da reforma do Distrito Federal, como também a de “outras tentativas idênticas que se ergueram em nosso país, e que são a mais admirável expressão do seu adiantamento e da sua própria vitalidade”. Essa ignorância, que deveria ser motivo de vergonha, mas não é, gera temor, uma vez que pode levar a atitudes prejudiciais à educação brasileira.

Ao manifestar seu descontentamento com o decreto de Francisco Campos que instituiu o ensino religioso nas escolas públicas em 1931, Meireles (2001b, p. 162) diz que o ministro “parece que resolveu dar cada dia prova mais convincente de que não entende mesmo nada, absolutamente, de pedagogia”, e que “a sua pedagogia é uma pedagogia de ministro, isto é, politicagem...”. Sua nomeação para o cargo prova que é muito melhor “ter-se um Ministério a menos que certos ministros a mais...” (MEIRELES, 2001b, p. 190). Cecília dá a entender que Campos deveria envergonhar-se de ocupar posição tão relevante para o País; ao não fazê-lo, põe em risco o futuro da nação.

Cecília Meireles (2001c, p. 42) rejeita o catolicismo, religião que ela considera o oposto do ideal de cultura que adota. Para Cecília, a cultura “liberta”, enquanto o catolicismo “escraviza”; e “os termos do dilema se repelem”. O problema se agrava pelo fato de Getúlio Vargas, com o intuito de “salvar a honra da revolução”, ter optado por considerar que somente os preceitos católicos podem responder pelo ensino religioso nas escolas públicas. As paixões negativas de Cecília Meireles dirigem-se, portanto, a instituições e pessoas, seja por oposição a princípios, seja por causa de atitudes que julga serem incorretas.

Em relação a essas pessoas e instituições, Cecília também manifesta frequentemente a paixão que Aristóteles denomina “ódio”, que é oposto de amor ou amizade. O filósofo discute esse sentimento em contraposição à “cólera”, afirmando que, enquanto esta “surge de ofensas feitas contra nossa pessoa”, o ódio pode derivar da simples observação do caráter de alguém (*Retórica*, II, 1382a1-15). Assim, a cólera, que é o oposto da tranquilidade, “sempre se dirige a indivíduos, enquanto o ódio é dirigido também a classes de pessoas”, como os ladrões e os delatores; quem se encoleriza “visa a causar sofrimento”, ao passo que quem odeia “visa a causar dano, causar o mal”.

Segundo Aristóteles, a cólera difere do ódio, pois vem normalmente acompanhada de “indignação”, paixão que se caracteriza pelo “sofrimento experimentado diante da visão do êxito não merecido de uma pessoa” (*Retórica*, II, 1387a5-b25-30). A indignação pode parecer idêntica à “inveja”, que é também um sentimento negativo decorrente da observação do sucesso imerecido de outrem; mas é diferente, pois inveja, que é o oposto da benevolência, é o que as pessoas sentem quando acreditam que alguém está “tomando o que a elas pertence”.

Não identificamos no discurso de Cecília Meireles nenhuma manifestação de inveja, mas é recorrente a expressão de cólera e indignação, frequentemente associadas a ódio, sentimentos que a oradora dirige respectivamente a pessoas e a classes de pessoas. São objetos dessas paixões, por exemplo, todos aqueles que a autora considera contrários aos benefícios propiciados pela reforma do ensino comandada por Fernando de Azevedo no Distrito Federal. Cecília vê com tristeza a crise que se abate sobre a instrução pública no início da década de 1930 e que impede a continuidade daquelas conquistas. Diante desse quadro, busca mobilizar o ódio de seu auditório contra aqueles que não deram andamento ao movimento reformista; a atitude de certos políticos representa “um choque formidável, porque põe num terrível contraste o passado e o presente, o que podia ter sido, com o que desgraçadamente, é” (MEIRELES, 2001b, p. 167).

Todas as manifestações da oradora em que se pode identificar a conjugação de ódio, cólera e indignação são permeadas pelo sentimento que Aristóteles (*Retórica*, II, 1388b20-25) denomina “desprezo”. O filósofo é sucinto ao caracterizar essa paixão, dizendo apenas que a nutrimos por aqueles cujo caráter não desperta emulação, ou seja, por pessoas que, por possuírem más qualidades, não merecem ser imitadas. Desse modo, é evidente que as pessoas e instituições rejeitadas por Cecília Meireles são também por ela desprezadas.

Considerações finais

O discurso político-educacional veiculado por Cecília Meireles em sua coluna *Comentário* entre os anos de 1930 e 1933 continha estreitos vínculos com os ideais da Escola Nova. Durante o período em que escreveu suas crônicas no jornal *Diário de Notícias*, a autora mostrou ser uma sensível defensora das concepções e realizações dos escolanovistas do Rio de Janeiro e, de modo geral, do Brasil (CUNHA; VIEIRA, 2011).

Como profissional da educação e formadora de opinião, Cecília atuou em prol de uma escola renovada que proporcionasse o crescimento integral dos alunos. Nesse aspecto, concordamos com as considerações de Clarice Nunes (2007, p. 414), que enfatiza o fato de a autoria feminina de Meireles ter servido para “subverter os sentidos da ordem reinante e o modelo docente implantado pela República”. Seu “pensamento de vanguarda” não poupava críticas aos setores conservadores da Igreja e demais adversários do movimento educacional renovador. Apesar de ter desempenhado papel tão singular no cenário brasileiro, sua atuação foi praticamente esquecida, sequer constando nos livros de história da educação, sendo citada, no máximo, como uma das signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Os textos de Cecília exprimiam certo componente de imoderação, o que é raro em trabalhos acadêmicos, mas é comum em oradores que se manifestam em meio a contextos culturais e políticos eivados de

polêmica, quando o calor das disputas requer mobilizar as emoções da audiência (CUNHA, 2007). Neste trabalho, procuramos examinar essa característica do discurso de Meireles utilizando como referencial a teorização de Aristóteles sobre as *paixões*, o que nos permitiu notar que Meireles lançava mão tanto de sentimentos “positivos” quanto “negativos” – os primeiros, ensejando concordância, espírito construtivo, tendo por objetivo despertar fé e otimismo, eram dirigidos às ideias e realizações do escolanovismo; os segundos, despertando recusa, contrariedade, visando formar disposições de afastamento, tinham por alvo os opositores da Escola Nova.

A investigação das paixões feita neste trabalho integra uma das diretrizes do Grupo de Pesquisa *Retórica e Argumentação na Pedagogia*, a qual consiste em não emitir juízos de valor acerca dos discursos analisados. O que norteia nossas investigações é o objetivo de oferecer contribuições para elucidar os recursos persuasivos que compõem as argumentações, para que os leitores que formam o auditório dos autores da área de educação sejam capazes de reconhecer os motivos pelos quais são persuadidos por uma ou por outra concepção educacional. Sendo assim, não nos cabe dizer se Cecília Meireles agiu corretamente, ou não, ao utilizar seu espaço na imprensa para mobilizar sua audiência por meio de emoções; o que nos compete – e esperamos ter realizado essa meta – é contribuir para aperfeiçoar um método capaz de identificar essa forma de comunicação entre orador e auditório.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BERTI, Enrico. *Aristóteles no século XX*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1997.

BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1998.

CORRÊA, Luciana B. Vial. *Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles*. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

CUNHA, Marcus Vinicius. História da educação e retórica: *ethos e pathos* como meios de prova. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 37-60, jul./dez. 2007.

_____. O “Manifesto dos Pioneiros” de 1932 e a cultura universitária brasileira: razão e paixões. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 17, p. 123-140, maio/ago. 2008.

_____; SOUZA, Aline Vieira. Cecília Meireles e o temário da Escola Nova. *Cadernos de Pesquisa* (FCC), São Paulo, v. 41, n. 144, p. 848-863, set./dez. 2011.

_____; COSTA, Viviane. John Dewey, um comunista na Escola Nova brasileira: a versão dos católicos na década de 1930. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 12, p. 119-142, set. 2002.

_____. Escola Nova e John Dewey na argumentação de autores católicos. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 283-298, 2006.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 2. ed., São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LÔBO, Yolanda Lima. Memória e educação: O espírito victorioso de Cecília Meireles. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, n. 187, p. 525-545, set./dez. 1996.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2001a.

_____. *Crônicas de educação 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2001b.

_____. *Crônicas de educação 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2001c.

_____. *Crônicas de educação 4*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2001d.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. 2. ed., Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EDUSP, 1974.

NUNES, Clarice. Dilemas da modernidade latino-americana: autoria feminina e discurso pedagógico. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2001.

PAGNI, Pedro Angelo. *Do “Manifesto de 1932” à formação de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIMENTA, Jussara Santos. *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem: Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. 2001. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*: léxico, índices, bibliografia. 2. ed., Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. 2. ed., Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

XAVIER, Libânea Nacif. O Manifesto dos pioneiros da educação nova como divisor de águas na história da educação brasileira. In: XAVIER, Maria do Carmo (Org.). *Manifesto dos pioneiros da educação*: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Data de registro: 31/10/2015

Data de aceite: 23/03/2016